

08-05-2020

Conhecer os “soldados desconhecidos”, mortos na luta contra a Covid-19 no Brasil: Direito deles, dever nosso!

René Mendes

[Médico e Professor. Presidente da ABRASTT (Associação Brasileira de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora). Pesquisador Colaborador do Instituto de Estudos Avançados da USP]

“Não viste ou ouviste como morrem em tão pouco tempo, Quando ainda tinham tanta vida pela frente?”

Lucrécio (94-50 a.C.), citado por Bernardino Ramazzini (1633-1714)

Como se não bastasse a profunda tristeza que atravessa os nossos corações, devido às milhares de mortes provocadas pela pandemia da COVID-19, no Brasil, ainda sem qualquer horizonte de esperança, há que se chamar a atenção ao grave fato de que em nosso país muito pouco se sabe sobre os homens e as mulheres que pereceram.

De um modo geral, a indiferença, o pouco caso e o desrespeito aos mortos tem sido o prolongamento do que já se faz aos vivos, em especial com a população pobre e miserável, aquela que não aparece nos necrológicos, e nem será jamais biografada. Esta grande maioria de anônimos - na vida e na morte - está sendo sepultada em condições muitas vezes indignas (até em valas comuns!), que não têm respeitado os princípios elementares do ‘Direito Funerário’, e de outras previsões na esfera dos direitos humanos e da personalidade. Aliás, a desigual ocorrência da COVID-19 na sociedade brasileira como um todo, com mais elevada incidência e mais elevada letalidade nas áreas socialmente deprimidas e espacialmente periféricas, assim como em mulheres e em afrodescendentes, demonstra a **importância da determinação social nesta pandemia**.

Saliente-se que a teoria do *distanciamento social* tem baixa ou nenhuma chance de ser adotada pelas classes sociais que estão na base da injusta pirâmide social brasileira. É ela, também, a mais afetada pelo empobrecimento e crescente miserabilidade impostos pelas políticas econômicas e sociais abraçadas pelos governantes, nos últimos anos.

Porém, é também necessário chamar a atenção ao fato de que a pandemia incide com mais elevada frequência em trabalhadoras e trabalhadores que estão na “linha de frente” do salvamento de vidas, em Serviços de Saúde.

Além destes grupos profissionais, a COVID-19 vem incidindo, de forma cruel e devastadora, em trabalhadoras e trabalhadores de muitas outras categorias profissionais, isto é, os que não podem se isolar em casa, pois exercem atividades agora consideradas “essenciais”.

De uma forma ou de outra, elas e eles trabalham muito - e cada vez mais - para que nós possamos viver! E para que nós não venhamos a morrer!



E se morrermos, para que a chegada do nosso corpo no destino final, aqui na Terra, seja expedita, respeitosa e segura... Esta é a realidade!

De repente, muitas atividades que eram socialmente invisíveis ou sem status e prestígio tonaram-se “essenciais”, tanto para viver, quanto para morrer!

No que se refere à incidência e letalidade da “COVID-19 relacionada ao trabalho”, existem inúmeras evidências de que a distribuição ocupacional é muito desigual, com destaque para as pessoas que trabalham em Serviços de Saúde (cadeia completa de atividades correlatas) e para aquelas que exercem outras atividades consideradas “essenciais”, ou que são obrigadas a se expor, seja pelo trabalho, seja pelo transporte público, ou em outras aglomerações exigidas dos cidadãos e cidadãs que vivem de seu trabalho. Além disso, como é bem conhecido, as *atividades do cuidado* são predominantemente exercidas pelo gênero feminino (cerca de 85% dos trabalhadores e trabalhadoras de Enfermagem!), e nas atividades mais penosas e menos valorizadas (nos serviços de saúde e fora delas) juntam-se as questões de gênero, raça e classe social. Por exemplo: as trabalhadoras dos Serviços de Saúde (cadeia completa e serviços correlatos), em sua maioria, são as mesmas que residem muito distante; que não podem ficar em casa; que gastam muitas horas em transporte público; que exercem dupla ou tripla jornada doméstica; e até as mesmas que, em função do baixo reconhecimento social e da baixa remuneração, precisam ter dois ou mais vínculos de trabalho. Portanto, a determinação social da COVID-19 se desvela, se expressa mais descaradamente, na questão “ocupacional”, diretamente e como um *proxy* da situação de classe social. Infelizmente, contudo, pouco se sabe sobre o perfil das trabalhadoras e trabalhadores que morreram no ‘front’ da luta contra a pandemia em nosso país. Como já em vida, o desprezo à categoria dos que vivem de seu trabalho também entrou morte adentro.

Não se sabe, ao certo, *quantos* são. Não se sabe, ao certo, *quem* são. Pouco ou nada se sabe sobre a *ocupação* ou *profissão* (esta variável ainda está ausente no formulário de notificação da COVID-19 ao SINAN!).

Muitos países do mundo, inclusive o Brasil, homenagearam seus combatentes de guerra (ou das guerras), cujos corpos ou ficaram nos campos de batalha, ou não foram devidamente identificados e reverenciados, erigindo um memorial, um túmulo simbólico, ou um “monumento ao soldado desconhecido”. O Brasil também erigiu o seu, no Parque do Flamengo, no Rio de Janeiro. Porém este é dedicado aos mortos na Segunda Guerra Mundial, e há outro em Pistoia, na Itália (tema de lindo poema de Cecília Meirelles). E às vítimas que lutaram nesta atual guerra?

Os nossos combatentes - homens e mulheres - estão a perecer todos os dias e todas as noites, na luta contra a pandemia. Minha proposta evoca *direitos e deveres*.

continua



Urge resgatar os nomes das trabalhadoras e trabalhadores que morreram em combate; resgatar suas histórias de vida, de trabalho e de morte, como contribuição ao resgate de seus direitos e de sua dignidade, para não os sepultar na vala comum do esquecimento.

Homens e mulheres que hoje ainda são considerados “soldados desconhecidos” têm o direito de serem conhecidos.

E nós, biógrafos, necrólogos, arqueólogos da memória, colegas e companheiros, familiares e amigos, militantes, podemos (devemos) fazer a nossa parte.

Considero isto um dever, uma obrigação! Esta é a minha mensagem, nesta primeira semana de maio de 2020!



Soldado desconhecido

(Manuel Alegre – Escritor e Político português contemporâneo)

*Há um soldado desconhecido na frente de batalha
não sei ao certo em que país ou talvez
em todos os continentes devastados. Há um soldado
desconhecido que vem de todas as guerras já perdidas
de todos os desastres e de todas as mortes e está
na frente de batalha em um território desorbitado.*

*Há um soldado desconhecido que já não sabe
por quem se bate. Talvez só por si mesmo ou nem sequer
bate-se por se bater numa qualquer frente de batalha
e já não pergunta por que nem o sentido.*

*Está numa frente de batalha e sabe que ninguém se importa
algures num país que já não é país em um combate perdido
nenhum de nós sabe quem ele é e, no entanto,
cada um de nós está nessa frente de batalha
e não tem nome e é esse soldado desconhecido.*

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.